A formação docente: desafios e implicações frente as questões de relação interpessoal no ambiente sala de aula

Introdução

O exercício da docência se constitui em uma das mais empolgantes atividades profissionais. Tendo em vista sua ação desmedidamente necessária na influência para o desenvolvimento social.

O docente goza de boa fé, no sentido de ter do seu aluno credibilidade em suas argumentações e comunicação pertinente aos temas que propõe; da família deste aluno que o encaminha ao espaço escolar com desmedidas expectativas concernente ao aprendizado deste; e da sociedade que enxerga o trabalho deste profissional onde se concentram as esperanças de que alcancemos viver em uma sociedade melhor. No entanto, o que se percebe é o desinteresse e desmotivação de muitos profissionais, com relação ao comprometimento em seu papel de docência, apresentando-se relapso frente ao compromisso com o ensino de qualidade, que contribua para o desenvolvimento integral dos seus alunos, como se isto não fosse algo necessário ou de importância.

Quais seriam as razões para esta, lamentável, postura diante de tão nobre missão. Envolver-se com o saber e com seres humanos se constituem em uma das mais incríveis aventuras que se pode vivenciar ao longo da nossa breve vida. Se isto traz este tom de grandeza, como explicar o esgotamento e desinteresse de tantos ?

Concomitante ao aparente desinteresse de muitos se vislumbra, e de maneira crescente, notícias, pelos meios comunicacionais, que dão conta da violência que tem surgido no ambiental educacional em todos os seus recantos. A cada dia nos deparamos com informações veiculadas sobre agressões verbais e físicas sofridas pelo profissional da educação.

Esta incidência crescente têm levado ao surgimento de algumas pesquisas tratando sobre o tema, especialmente a partir da década de 1970. Questões de conflitos, violência, indisciplina, e uma gestão de sala de aula desafiadora que tumultuam e comprometem a relação interpessoal entre professor e aluno são assuntos de que queremos nos ocupar neste trabalho. Buscando saber o que versam alguns pesquisadores sobre o tema e ainda dar

voz ao profissional que vivencia esta realidade diária, estando no seu campo de trabalho. Tencionamos investigar se no momento instrucional de preparo o docente recebe na instituição de ensino superior instrução sobre estas questões com que terá de lidar em seu trabalho diário. Se este é o motivo pelo qual muitos se achem desmotivados à frente de uma sala de aula.

Buscar aproximar nosso olhar para esta realidade profissional é o intento deste trabalho.

O que diz a legislação

Preceituam os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a ética, tratando de temas transversais conforme a seguir:

> A questão central das preocupações éticas é a da justiça entendida como inspirada pelos valores de igualdade e eqüidade. Na escola, o tema Ética encontra-se, em primeiro lugar, nas próprias relações entre os agentes que constituem essa instituição: alunos, professores, funcionários e pais. Em segundo lugar, o tema Ética encontra-se nas disciplinas do currículo, uma vez que, sabe-se, o conhecimento não é neutro, nem impermeável a valores de todo tipo. Finalmente, encontra-se nos demais Temas Transversais, já que, de uma forma ou de outra, tratam de valores e normas. Em suma, a reflexão sobre as diversas faces das condutas humanas deve fazer parte dos objetivos maiores da escola comprometida com a formação para a cidadania. Partindo dessa perspectiva, o tema Ética traz a proposta de que a escola realize um trabalho que possibilite o desenvolvimento da autonomia moral, condição para a reflexão ética. Para isso foram eleitos como eixos do trabalho quatro blocos de conteúdo: Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo e Solidariedade, valores referenciados no princípio da dignidade do ser humano, um dos fundamentos da Constituição brasileira. (BRASIL, 1997, p. 26).

Com relação aos valores elaborados individualmente para reger a conduta do indivíduo versam os PCNs (1997):

> O comportamento pessoal se articula com inúmeros outros fatores sociais, seja na manutenção, seja na transformação desses valores e das relações que os sustentam. Portanto, o desenvolvimento de atitudes pressupõe conhecer diferentes valores, poder apreciá-los, experimentá-los, analisá-los criticamente e eleger livremente um sistema de valores para si. (BRASIL, 1997, p. 35).

Ainda com relação às questões de convivência e possíveis soluções aos problemas os PCNs se pronunciam (1997):

> O convívio escolar refere-se a todas as relações e situações vividas na escola, dentro e fora da sala de aula, em que estão envolvidos direta ou indiretamente todos os sujeitos da comunidade escolar. A busca de coerência entre o que se pretende ensinar aos alunos e o que se faz na escola (e o que se oferece a eles) é também fundamental. Não se terá sucesso no ensino de autocuidado e higiene numa escola suja e abandonada. Nem se poderá esperar uma mudança de atitudes em relação ao desperdício (importante questão ambiental) se não se realizarem na escola práticas que se pautem por esse valor. Trata-se, portanto, de oferecer aos alunos a perspectiva de que tais atitudes são viáveis, exeqüíveis, e, ao mesmo tempo, criar possibilidades concretas de experienciá-las. É certo que muitas medidas estão fora do alcance dos educadores, mas há muitas delas que são possíveis e, quando for o caso, a reivindicação aos responsáveis em torno da solução de problemas é um importante ensinamento das atitudes de auto-estima, co-responsabilidade e participação. (BRASIL, 1997, p. 37)

O professor e o cotidiano na escola

A escola conforme entendimento de senso comum é o espaço para onde acorrem indivíduos que haverão de receber uma “boa educação / formação”, evidentemente, sem isentar a família de sua responsabilidade neste sentido, com fins de que este seja preparado para a vida. Assim sendo, empreende-se todo o esforço por parte de uma equipe de pessoas, profissionais que compõem uma gama de envolvidos no processo educacional.

Dentre os muitos indivíduos envolvidos, destacamos o professor em seu papel de protagonista. Sua atuação é imprescindível.

Conforme Marina Graziela Feldmann define:

> Professor, sujeito que professa saberes, valores, atitudes, que compartilha relações e, junto com o outro, elabora a intepretação e reinterpretação do mundo. Palavras, sentido que encerram em si a dimensão da multidimensionalidade, da complexidade e da incompletude do saber e do ser professor. (FELDMANN, 2009, p. 71).

Nas palavras de Feldman (2009, p. 71) o professor traz consigo uma bagagem de saberes, valores e atitudes, ou seja, que este haverá de compartilhá-los com os seus alunos nesta relação interpessoal que se dá especialmente em sala de aula. Portanto, vê-se o professor como alguém que será para este aluno um verdadeiro referencial, um modelo. Subentende-se que sua responsabilidade não é pequena. Ao mesmo tempo que se vê como algo de grande responsabilidade é também grande o privilégio que o profissional da educação desfruta; gerações de pessoas trarão consigo ao

longo da vida valores que lhe foram incutidos e delineados por estes trabalhadores da educação. Os saberes, valores e atitudes serão aos alunos bagagem e preparo para a vida.

Feldmann (2009, p. 71) ainda argumenta que o professor elabora a interpretação e a reinterpretação do mundo. Isto é magnífico. O aluno vem para o ambiente educacional com seu significado e visão de mundo; e ao interagir com outros alunos, com o professor e demais pessoas inseridas no ambiente escolar passa a ter diante de si outras possibilidades de conhecimento. E é claro que nesta dinâmica de relacionamentos, entre as pessoas deste ambiente, de maneira relevante se destaca o papel do professor que haverá de exercer a mediação, no sentido de que o aluno tenha o efetivo e pleno desenvolvimento de suas funções cognitivas e emocionais.

A sociedade assim projeta o seu olhar para este profissional. Os pais, autoridades, enfim assim esperam. No entanto, se esquecem de que se trata de um profissional com suas limitações e fragilidades como é comum aos seres humanos. Inerente a sua missão de ensinar o professor enfrenta, as vezes, problemas pessoais que transcendem o âmbito doméstico e que acabam se manifestando no ambiente escolar em ações que conflituam com uma conduta responsável e digna. Além disto há que se falar também na qualidade da formação que teve este profissional, que agora atua no campo de trabalho. Pois isto também depende a qualidade do ensino que vai transmitir aos seus alunos. Questões básicas como estas de noções de responsabilidade para com o próximo e para com o meio ambiente por exemplo.

Enfim, este cenário é real. No entanto e apesar das mazelas e dificuldades que se verificam, grande parte destes profissionais são dedicados e comprometidos com o que fazem, respondendo de forma nobre ao clamor social.

Por outro lado, mesmo havendo por parte destes a dedicação que se espera, tendo tido um formação comprometida, se deparam com a realidade social que hoje se vê, a falta de compromisso e interesse por parte dos alunos para com os estudos. O que têm se manifestado de forma crescente e aviltante é a questão conflituosa da indisciplina. Os conflitos que se verifica com frequência no dia a dia escolar são agressões físicas e verbais entre alunos,

contra funcionários, acentuadamente contra professores e depredações do patrimônio da escola em geral.

Quando o(a) professor(a) adentra a sala para trabalhar sua aula e conteúdos ele assume a gestão da turma e em tese se torna sua a responsabilidade de gerir o grupo durante todo o período em que alí estiver.

Para Gauthier et al., (2006, p. 241) gestão de classe é:

> "[...] conjunto de regras e disposições necessárias para criar um ambiente ordenado favorável tanto ao ensino quanto à aprendizagem". Ela consiste numa atividade "[...] fundamentalmente cognitiva, baseada na antecipação, pelos professores, da trajetória provável das atividades da sala de aula e no conhecimento das consequências dessas mesmas atividades sobre as situações de aprendizagem". (GAUTHIER et al., 2006, p. 241).

Para Gauthier et al (2006, p 241) o professor deverá "munir-se" de regras e disposições, que estão "subentendidas", as quais lhe propiciarão um ambiente favorável onde possa desenvolver seu trabalho de ensino. O problema é que muitos alunos não respeitam tais regras simplesmente por negligenciarem qualquer princípio de norma reguladora. Desrespeitam, peitam a autoridade do professor, que nem sempre está preparado para tal situação. Ainda que na formação o tema indisciplina, conflito e gestão de classe tenham sido abordados, o foram apenas panoramicamente, não fornecendo suporte necessário para o real enfrentamento.

O desafio se mostra ainda mais acentuado quando os problemas inerentes a indisciplina, desrespeito, ou seja, quando o conflito transcende para além da sala e várias versões sobre a situação surgem.

Sobre isto discorre Parrat-Dayan, 2009:

> [...] os docentes, em geral, se sentem pressionados e maltratados. O professor sente-se agredido pelos pais que reclamam, sente-se julgado pelos colegas e pelas autoridades da instituição, é testado pelos alunos e confrontado com um discurso negativo vindo de todas as fontes de informação. Ele não apenas tem que enfrentar os pais, os alunos, a pobreza e a falta de educação quando existentes, como também é permanentemente desqualificado. [...] deve lutar contra dificuldades que nada têm a ver com aquilo para o que ele foi formado: a transmissão de conhecimentos e o ensino de conteúdos. (PARRAT-DAYAN, 2009, p. 11).

A professora Lia Rodrigues Gonçalves trabalha a questão dos medos e desafios que professores(as) enfrentam:

> [...] todo treinamento que ministramos deixamos que acontecessem momentos de desabafos, verdadeiras catarses, onde mágoas e dificuldades pessoais e/ou grupais eram relatadas. Estes momentos são de grande proveito. Proporcionam uma troca de experiências não só afetivas, onde cada um pode constatar que todos têm dificuldades, fraquezas... Este desabafo é normal e abre as fronteiras para a troca de outras experiências: a de relatar dificuldades no que se refere ao não saber o conteúdo que ministra; não saber como ensinar; não saber como lidar com problemas psicológicos, sociais, econômicos, culturais, seus, de seus alunos, dos pais dos alunos, dos donos da terra onde a escola está situada... (Gonçalves, 1997, p.206).

Fica evidente a questão da limitação docente frente aos muitos desdobramentos que se apresentam como verdadeiros desafios para este, que não é um “super” profissional, mas numa imanente humanidade, que lhe “impõe” limites. Neste caso, da realidade não se pode furtar, no sentido de que cada indivíduo possui seus temores e suas fraquezas diante do cenário conflituoso que se desponta no seu dia a dia. Se faz necessário que estas questões sejam tratadas tendo em vista o bom andamento do processo ensino-aprendizagem e demais questões: emocionais, psíquicas e congêneres envolvidas. Uma formação inicial e continuada que fecha os olhos para tais questões, se demonstrará deficitária e falha para com a realidade deste profissional, deixando-o incapaz e impotente no enfrentamento destas problemáticas sociais.

Resultados da discussão

Entrevistamos professores de um Colégio Estadual na cidade de Ponta Grossa/PR e atribuímos aos docentes participantes da pesquisa a nomenclatura de professor 1, 2, 3, 4 e 5, pois foi o número de docentes que se dispuseram a participar do trabalho, e também uma maneira de preservar suas identidades.

Quando questionados sobre a quanto tempo exercem a docência, dois estão entre 3 e 9 anos, outros dois entre 15 e 20 anos e um outro a 24 anos.

Com relação ao tempo de trabalho no atual colégio, assim se pronunciaram: um docente 6 anos, outros dois 3 anos e outros dois quatro meses.

Com relação a pergunta 2 que aborda como é o seu dia a dia em sala de aula e sua relação com os alunos; os docentes responderam que em linhas gerais possuem uma boa relação com os alunos. Um professor disse que os alunos abusam da liberdade que se dá a eles, outros (2 professores) indicam que há uma defasagem com relação a idade, alguns com muita idade em turma de alunos menores e que isto dificulta o trabalho. Um professor afirmou que tem turma que não dá vontade de trabalhar e outro ainda que a relação é conflituosa e que é necessário muito equilíbrio para se manter em sala.

Estes aspectos podem ser percebidos na fala do professor 5:

> Bom, eu tento ter uma boa relação com os alunos, já tive uma relação melhor porque hoje eu não tenho muita paciência mais porque eu vejo que eles são muito desinteressados e eles confundem a liberdade que a gente dá e abusam muito dessa liberdade, mas assim, eu converso muito com eles, tenho cinco aulas com eles, passo muito tempo com eles e conheço muito bem cada um deles então tento ter uma boa relação, é claro que nem sempre é possível, mas na maior parte das vezes ocorre tudo bem.

Na questão de número 3 perguntamos com que frequência ocorrem conflitos interpessoais aluno/professor e aluno/aluno. Os docentes disseram em linhas gerais que nem sempre as coisas caminham pacificamente, tendo as vezes que intervir com maior energia.

Vejamos neste sentido qual foi a fala do professor 3:

> Dependendo da turma todo dia, dependendo da turma toda aula, é necessário que o aluno entenda o lugar dela e quem manda é você, você tem que ter uma posição firme, fazer com que este aluno te enxergue como autoridade em sala de aula, mas não autoridade autoritária e sim aquela coisa que ela tem que olhar para você e te respeitar e fazer aquilo que você está propondo, é uma relação bem complicada e difícil de você falar. Você não pode ser autoritário demais, eles não entendem, esta geração não sabe o que é autoridade, então de certa forma você precisa ir com um jeitinho, estudando, observando, precisa ter muita criatividade, tem que ser ninja hoje para dar aula, para qualquer um.

Na questão 4 perguntamos a intensidade / nível de agressão que ocorrem. Os cinco docentes responderam que as vezes os ânimos se exaltam entre eles e se agridem verbalmente, e que isto é muito comum, uso de palavras de baixo calão.

Nesta direção temos a resposta do professor 4:

> Normalmente é agressão verbal, palavrões com intensidade bem grande, o nível de agressividade está cada vez pior, de acatar ordens, falta de respeito, eles encararem a gente como professor, como alguém que tem um nível de estudo, não como alguém melhor mas por ser mais velho mesmo né, cronologicamente eles não respeitam.

O questionamento 5 foi se em algum momento houve necessidade de ações extremas como chamar os pais, conselho tutelar ou a polícia. Todos os cinco professores responderam que é comum ter que chamar os pais, mas já ouve caso de ter a necessidade de se chamar a polícia.

A resposta sobre este assunto do professor 2 foi:

> Chamar os pais a gente sempre esta chamando pra deixá-los cientes tanto da falta de interesse, alunos que dorme, não faz atividade, que não estuda e também a questão da falta de educação, falta de respeito com os colegas e mesmo com os professores, isto, chamar os pais a gente faz com bastante frequência; a gente encaminha para as pedagogas e elas acabam entrando em contato com eles, com relação ao conselho tutelar e polícia nas minhas aulas ainda não aconteceu este ano.

No questionamento 6 perguntamos quais medidas você toma quanto a indisciplina e conflitos em sala de aula. Os docentes responderam que o problema é recorrente, que está cada dia pior, e que gastam muita energia lidando com estas questões.

A resposta do professor 3 foi a seguinte:

> Chego em sala de aula e dou as minhas regras, saibam que não pode, e é assim que tem que ser e que vamos conduzir a aula, conversamos juntos e depois eu cobro, cobro incansavelmente, sente direito, fique quieto, faça isso, vamos lá, vamos lá, até que um dia dá um “insite” neles e eles aprendem, no final do ano estão melhorzinhos.

Na pergunta 7 indagamos se o docente já sofreu algum tipo de ameaça de aluno ou pai de aluno. A maioria dos professores, que foram quatro, responderam que não, com uma exceção, assim sendo vejamos a resposta do professor 4:

> Já fiz duas vezes na minha carreira, duas vezes boletim de ocorrência, contra um deles, lá em Castro onde eu morava, eu apresentei queixa formal que ele realmente me ameaçou, por questão

> de chicletes, de coisa banal assim, você pede jogue o chiclete ele diz quem é você pra me mandar jogar o chiclete, se enxergue, fique na tua que é melhor pra você, veja com quem você está mexendo, estes termos que a gente ouve, normalmente é de aluno, de pai de aluno não me lembro de ter recebido nada.

A pergunta 8 aborda o seguinte assunto: já teve medo de trabalhar em função da violência e conflitos em sala de aula e no seu em torno. Três dos professores responderam que não tiveram medo de ir trabalhar, no entanto dois disseram que sim, vejamos então o que relata o professor 1 em sua experiência neste sentido:

> Aconteceu há alguns anos atrás, eu trabalhava a noite, numa outra escola, eu era recém formada, eu era nova, dava aula no ensino médio a noite e as meninas com ciúme porque os meninos queriam agradar a professora, e as meninas por ciúme começaram a me desrespeitar, e o fato de elas terem praticamente a minha idade, eram repetentes e tal, e eu alí quase da idade delas na função de professora aconteceu sim uma situação complicada, acabei conversando com o diretor e deixei esta turma.

Na pergunta 9 indagamos aos professores a que eles atribuem a ocorrência de conflitos e indisciplina vivenciados em sala de aula. A fala foi unânime, todos, atribuindo a desestrutura familiar dos alunos, desinteresse da família em participar da vida estudantil dos filhos.

Sobre isto responde o professor 4:

> Negligência da família, eu acho o ponto principal, que a família não está correspondendo, eles simplesmente estão pondo os filhos no mundo e deixando cair de paraquedas aqui, falta de limites que a própria escola não pode mais dar, esta falta de autonomia da escola perante a legislação. Eu concordo com o estatuto da criança e do adolescente, eu não to dizendo que não concordo, foi um grande avanço, mas foi algo baseado apenas em direitos e não nos deveres, porque todo mundo que tem direitos tem deveres também. Tratar uma criança de dezessete anos... risos... que sabe muito bem o que está fazendo, como criança, ao meu ver não é por aí, então eu acho que eles tinham que ter, ser cobrados um pouco mais nos deveres, nas obrigações, a escola voltar a ser o espaço de promoção do conhecimento, de promoção humana mas através do conhecimento, não apenas só nesta parte de socialização da alimentação e de outras coisas, de depósito. Eu muitas vezes mais do que profissional, do que professora graduada, pós-graduada eu me sinto cuidadora de alguém que não tem onde ficar neste período enquanto os pais trabalham, ou de alguém que prefere estar aqui “azedando” como eles mesmos dizem do que estar em casa.

A pergunta 10 foi se os professores pudessem escolher outra profissão, se deixariam a docência. Todos tiveram praticamente a mesma resposta que sim, se pudessem escolheriam outra profissão.

Vejamos a resposta do professor 1:

> Sim... risos... depois da greve de 2015 que a gente sofreu bastante eu iniciei outro curso de graduação, estou fazendo nutrição, não pretendo deixar totalmente a docência, mas se as coisas continuarem do jeito que estão, ou piorando para o nosso lado, tanto nesta questão de aluno mesmo, falta de respeito com o professor, quanto a questão do governo, salário, todas estas brigas que a gente vem tendo com o governador, aí sim eu vou seguir a minha outra profissão que é nutricionista.

Conclusão

O que se vê, portanto, diante das falas dos docentes é que o cenário concernente as questões inerentes a docência é uma temática que preceitua uma tomada de superdosagem de motivação para que este permaneça atuando conforme sua formação inicial, tendo em vista as condições atuais de trabalho, com projeção ao futuro, não se desponta um cenário animador para que se torne um seguimento que inspire outros a seguirem a carreira da docência.

Referências Bibliográficas

BRASIL, 1997. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf acesso em 26/12/2016.

FELDMANN, M. G. **Formação de professores e cotidiano escolar.** IN: Formação de professores e escola na contemporaneidade. FELDMANN, M. G. (Org). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma Teoria da Pedagogia:** pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

ÇONÇALVES, L. R. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação.** Auto-Avaliação: Uma Abordagem Pessoal, Política e Acadêmica. v. 5, n. 15, p. 205-212, abr/jun. 1997.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** Tradução de Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. 1.ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.